

# Refletindo a formação e as práticas de saúde do idoso no Programa de Saúde da Família

ANA MARIA PEREIRA DE ARAÚJO BRASÍLIO<sup>1</sup>  
MÁRCIA GAMEIRO<sup>1</sup>

*Mas há a vida  
que é para ser  
intensamente vivida,  
há o amor.  
Que tem que ser vivido  
até a última gota.  
Sem nenhum medo.  
Não mata.*  
Clarice Lispector

A FESO, através da Universidade da Terceira Idade (UNIVERTI), desenvolve projeto de extensão integrando ensino/serviço/comunidade no município de Teresópolis, Rio de Janeiro. O projeto, que existe há dez anos, tem por finalidade lutar contra preconceitos, promover a auto-estima e práticas e ações para melhorar a qualidade de vida dos idosos.

Este trabalho se propõe a refletir sobre as práticas de saúde do idoso, no módulo de especialização em PSF, que possui uma concepção didático-pedagógica promotora da ligação entre teoria e prática. O compromisso é formar profissionais críticos, reflexivos e comprometidos com a transformação social, inseridos nos projetos e serviços ligados à comunidade, num processo de construção do conhecimento. Oportunizam-se encontros que, fora de uma ótica classificatória, possibilitam lidar com a experiência a partir de sua diversidade.

---

<sup>1</sup> Psicólogas e sanitaristas da turma de especialização em Saúde da Família da FESO, 2005.

Através de metodologias de ensino problematizadoras da realidade, reconstruímos o entendimento da velhice e suas complexidades, assim como o processo de produção de conhecimento, agora não mais centrado na figura de um professor, detentor de um saber, mas centrado no estudante, o qual assume responsabilidade no processo de ensino-aprendizagem. No agenciamento professor-aluno, ambos se redesenham e são sujeitos, na medida em que o professor que faz, responde e reproduz cede lugar àquele que instiga, promove e constrói junto o saber.

Para quem estuda o envelhecimento, hoje, não basta pensar em quantidade de anos vividos e categorizar esses indivíduos como idosos, velhos ou ainda terceira idade. Longe de uma lógica simplista de fases previamente marcadas, medidas e definidas, típicas de um entendimento cartesiano de mundo, o envelhecimento é um processo e como tal ocorre em diferentes ritmos e intensidades. Esse processo, embora inerente a todo ser humano, não ocorre de forma semelhante e estática nos sujeitos. Não é simplesmente a passagem dos anos que caracteriza a entrada na velhice.

O processo de envelhecimento é produzido no atravessamento de forças biológicas, psíquicas, crenças, mitos e mídias, próprios de um tempo determinado e que se constituem como analisador de uma cultura. Entendemos “analisador”, segundo Lourau (1986), como aquele que provoca ao máximo a “verdade” da situação, fornecendo informações sobre as implicações que estão em jogo e sobre os modos de subjetivar, ou de existir, que estão se construindo em determinado tempo histórico. Ao analisar a velhice, lançamos luz nos estudos da subjetividade, propondo-nos entendê-la como produção.

A subjetividade não é fabricada apenas através das fases psicogenéticas da psicanálise ou nos matemas do inconsciente, mas também nas grandes máquinas sociais, *mass*-mediáticas, linguísticas, que não podem ser qualificadas de humanas (GUATTARI, 1992, p. 20).

Apesar de termos um entendimento de velhice, da juventude e da infância como algo natural, que se constitui sempre de um mesmo jeito pelas épocas, as ditas “fases”, fora de um olhar naturalizado, devem ser entendidas como imanentes de uma época.

A idade cronológica é percebida como um dado importante para se dizer que alguém está envelhecendo, mas não é fator determinante,

pois condições específicas de cada um, hábitos e estilos de vida, assim como ambiente, são fatores que influenciam o estado geral dos sujeitos. No curso da vida, a velhice é então concebida como período onde se cruzam e se afetam fenômenos biopsicossociais-ambientais.

Ao problematizarmos o envelhecimento, todos os fatores devem ser levados em conta, tanto aqueles ditos “positivos” quanto os “negativos”. Se de fato o corpo está mais cansado e as rugas na face mais profundas, também o tempo passa a ter uma nova dimensão, com percepções muito mais aguçadas, com refinamento de detalhes e valorização de fatos até então corriqueiros. É como se pudéssemos, ou permitíssemos, saborear a própria vida, afirmando o próprio viver.

Com o advento da Gerontologia como campo do saber sobre a velhice, muito foi acrescentado das disciplinas sociais ao saber biomédico. De uma maneira multidisciplinar, o enfoque sobre envelhecimento está sendo modificado, porém cabe a nós, profissionais de saúde, conjugar o saber popular com o da ciência, utilizando as teorias/práticas em prol da qualidade de vida dos sujeitos.

Marcel Proust (*apud* Foucault, 1979) comparava os livros aos óculos, que, dirigidos para fora, deveriam ser utilizados enquanto nos servem; caso não se prestassem mais a este fim, deveríamos conseguir outros. Acreditamos que teorias e práticas sobre envelhecimento seguem esse mesmo entendimento: como os livros para Proust, devemos utilizá-las como instrumentos até seu fim, reinventando na dinâmica da realidade outras formas de pensar-fazer.

A população idosa tem participado do mercado consumidor, seja através do consumo de novos fármacos ou cosméticos, seja pela participação em grupos de convivência, constituindo segmento bastante atrativo. Para esse tipo de consumidor, diversas mídias desfilam seus produtos, que, longe das altas taxas de desemprego, aquecem também a economia do país.

Outro fenômeno atual a ser destacado é que para muitas famílias o idoso é atualmente um “suporte” financeiro, pois com as dificuldades de inserção e recolocação no mercado de trabalho para os mais jovens e para aqueles acima dos 35 anos, respectivamente, as aposentadorias garantem a sobrevivência da família.

Vale lembrar que, segundo estudo da Ideainvest (2003) sobre o perfil do aluno típico do ensino superior privado, em algum momen-

to do curso superior serão os pais ou os avós que assumirão os custos das mensalidades ou da matrícula do aluno. O exemplo serve para problematizar tanto a posição do idoso na economia, quanto as dificuldades do jovem em tornar-se economicamente ativo.

As expectativas demográficas apontam que o Brasil será um dos mais populosos países em número de velhos. Estima-se que no ano 2025 a população de idosos aumentará para 30%, o que representará 25% da população de adultos. Falar atualmente de idosos, ou seja, estudar o envelhecimento, está na moda. O processo de envelhecimento é tema recorrente na academia e há uma preocupação multidisciplinar nesse campo de estudo na sociedade em geral.

As idéias preconcebidas estão sendo revistas. A paisagem social e cultural está mudando e com isso desenha-se uma velhice que, longe das associações com decadência ou com decrepitude, são vistas como potencialidade. Potência no sentido de se perceber com possibilidades.

Conviver com o corpo que envelhece, fazer dele uma oportunidade (DEMO, 2003) para se reinventar, reconstruir, é o desafio que está posto. Segundo Giddens (1991), desconstruir o evolucionismo social significa aceitar que a história não pode ser vista como unidade, ou como refletindo certos princípios unificadores de organização e transformação.

Se a história não pode ser vista do ponto único evolucionista, a vida humana não deve ser entendida como uma evolução etária única, uma vez que é nas idas e vindas dos tempos, nas construções e reconstruções de conceitos, que podemos reinventar nossa trajetória. Uma reinvenção diária, não aprisionada aos ditames da moda, as serializações de corpos e subjetividades que afirmem as singularidades dos sujeitos, sejam eles jovens ou velhos. Singularidade que, segundo Guatarri e Rolnik (1986), é tudo aquilo que é do domínio da ruptura, da surpresa, da criação, nos permitindo caminhar e intervir nas fissuras das modelizações e fazendo da vida e da velhice cotidianamente uma obra de arte.

Assim também a formação deve produzir mudanças tanto no processo ensino-aprendizagem quanto nas intervenções dos profissionais de saúde, como nos diz Merhy (2002), numa relação em que todos os recursos possam ser usados, desde que valorizem a riqueza humana, qualidades, compromissos e responsabilidades. Num processo de

(re)invenção da saúde, da existência; onde caibam o espanto, o estranhamento, a indignação, afirmando as experiências, não para serem apenas colocadas num museu, sem vida nem suor, mas para serem praticadas na fricção da vida e no entusiasmo de quem está vivo.

A experiência com o módulo de saúde do idoso afirmou nossa implicação como construtores da saúde envolvidos na integralidade da vida, onde o cuidado surge como ação inovadora capaz de gerar práticas eficazes (MACHADO; PINHEIRO; GUIZARDI. 2005).

## Referências

- DEMO, P. *A pobreza da pobreza*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.
- GUATARRI, F. Da produção de subjetividade. In: *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: 34, 1992.
- GUATARRI, F; ROLNIK, S. *Micropolítica*. cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1986.
- MERHY E. *Saúde: a cartografia do trabalho vivo*. São Paulo: Hucitec, 2002.
- PINHEIRO, R.; MATTOS, R. A. (Orgs.). *Construção social da demanda*. Rio de Janeiro: CEPESC, 2005.
- IDEALINVEST. Fórum: Crédito estudantil: caminho para o desenvolvimento. *Mercado da Educação no Brasil: cenários e previsões*. São Paulo, 2003.
- LOURAU, R. Segundo encontro. In: *Análise institucional: práticas de pesquisa*. Rio de Janeiro: UERJ, 1993.
- FOUCAULT, M. Os intelectuais e o poder: conversa entre Michel Foucault e Gilles Deleuze. In: \_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FREITAS, E. V. et al. *Tratado de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.
- PRADO, S. D. O curso da vida, o envelhecimento humano e o futuro. Disponível em: [http://www.unati.uerj.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=s1517](http://www.unati.uerj.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s1517). Acesso em ago. 2006.
- BRASIL. Ministério da Saúde. *Proposta de capacitação em saúde do Idoso* <http://www.saude.gov.br/programas/idoso/proposta.htm>. Acesso em ago. 2006.